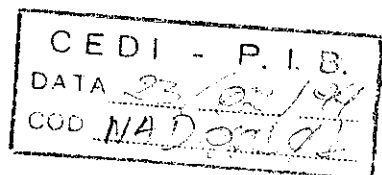


NAMBIKWARA, OS DO CERRADO

ANNA MARIA R. COSTA





Anna Maria R. Costa

NAMBIKWARA, OS DO CERRADO

*FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
DEPARTAMENTO DE ARTESANATO E
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO*

BRASÍLIA- 1992

CAPA: Helineusa Sampaio

FOTO: Mário de Castro

PLANEJAMENTO VISUAL: Zenicéia Assis

COSTA, Anna Maria R.

Nambikwara, os do cerrado

Brasília, FUNAI, 1992

1. Nambikwara - Mato Grosso I. Título II.

COSTA, José Eduardo F. M. da

IMPRESSÃO

Departamento de Documentação da FUNAI
SEUP Quadra 702 Sul, Edifício LEX, Mezanino
CEP. 70.330 - Brasília-DF

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos ao povo NAMBIKWARA, por nos haver permitido perceber em sua cultura e convivência, mais um exemplo de harmonia entre homem e universo; e ao Programa ARTÍNDIA, através do qual foi possível viabilizar essa pesquisa.

SUMÁRIO

1. Considerações etno-históricas	7
2. A flauta sagrada	13
3. A cura dos males	16
4. Aldeia	19
Bibliografia	24

1. CONSIDERAÇÕES ETNO-HISTÓRICAS

"Um espírito mau, possuidor de muita força e poderes sobrenaturais foi o responsável pela transformação ocorrida em seu território. Começou a fazer buracos, ligando um córrego a outro, sem parar. Encontrou um companheiro que o ajudou. Tudo aconteceu rapidamente. As águas iam se encontrando, formando um único rio, largo e fundo.

As aldeias inundaram, o fogo apagou, tudo se perdeu. Além disso, fenômenos estranhos ocorriam no firmamento e nos astros. O sol não apontou e a lua não surgiu. O céu caiu sobre a terra, que ficou em trevas. Homens, mulheres e crianças morreram afogados, e suas almas transmutaram-se em anta. Incômodo ficou um imenso morro de pedra, onde vivia um povo alegre. Não conhecia nenhum tipo de doença. Era imortal.

Algum tempo depois, o sol voltou a brilhar como outrora. A lua apontava, clareando as noites. Próximo da grande pedra, de cor preta, o japuçá escutava vozes. Muito curioso, passava a maior parte de seu tempo a esperar que alguém resolvesse a sair. Mas isso nunca acontecia. Sol a sol, ali permaneceu insistentemente chegando a ficar com o lombo avermelhado. Pediu a cutia para roer a pedra com seus dentes afiados. Ela acabou quebrando os dentes. Chamou a anta, que com sua força, tentou quebrar a pedra inutilmente. O tatu-canastra começou a furar a pedra, como uma lixa e se machucou. O urubu dava vãos em direção à pedra, batendo com o bico, querendo perfurar aquela rocha. Todas as tentativas foram em vão. Estavam desistindo quando uma andorinha-da-mata se aproximou daquele alvoroço. Tomando conhecimento do que se tratava e também curiosa em saber quem residia dentro daquela imensa pedra, tomou à frente, empunhando uma lança de madeira, com a extremidade afilada. Os animais que ali estavam, resolveram se afastar um pouco, receosos do resultado. Voou longe, longe para pegar embalo, adquirindo velocidade incrível. Direcionou o vôo e com a lança perfurou a pedra que nem raio. Rachada em duas partes, bem no centro e para a surpresa dos animais que ali estavam, viram gente sair da pedra. A andorinha-da-mata retirou um casal e apontou um lugar para morar, constituir família; chamou outro casal e encaminhou para outra direção. E fez assim com muitos casais. Entretanto, restaram mais gentes e que ainda hoje permanecem nesta pedra. E assim, se formaram diversas aldeias espalhadas pelo cerrado."

Tanamaré no século XVIII; Cabixi no século XIX; Waikoókore - aquele que dorme no chão, pelos Pareci; e finalmente NAMBIKWARA - orelha furada, no século XX. Um nome emprestado, de origem Tupi-Guarani, que os qualificou definitivamente, abrangendo todos os subgrupos das três áreas culturais, distinguíveis

pela diversidade geo-cultural: Serra do Norte, Vale do Guaporé e Chapada dos Pareci. Outrora habitavam uma vasta região de transição entre o Chapadão matogrossense e a Hiléia Amazônica, à noroeste do Estado de Mato Grosso e sul de Rondônia, até as cabeceiras dos rios Comemoração e Tenente Marques.

A maneira que esses subgrupos se auto-denominam está intimamente relacionada ao seu meio ambiente de origem, à características comportamentais e hábitos alimentares. Atualmente, esse território é bastante diverso daquele tempo, levando-se em consideração as alterações sofridas em decorrência da expansão nacional, ocorrendo uma significativa e preocupante imigração a essas regiões, ligadas a interesses que interferiram fortemente na organização sócio-político-religiosa desses povos. No decorrer dos anos, epidemias e massacres atingiram o povo NAMBIKWARA, dizimando grande parte da população.

Os NAMBIKWARA da Chapada dos Pareci, abrangendo os subgrupos Halotesu, Sawentesu, Wakalitesu e Kithaulu são objeto da presente mostra que pretende evidenciar a maneira de viver e a visão cosmogônica dessa nação.

Os halotesu, "aqueles que vivem no campo", habitam a extensão longitudinal dos rios Juína e Formiga.

Os Wakalitesu, "povo do Jacaré", ocupam o território a leste, próximos aos rios Juruena e Sapezal. O Juruena se destaca diante dos demais rios da região em volume d'água, marcado pela abundante presença de jacarés.

Os Sawentesu, "povo da floresta", encontram-se próximos às nascentes do Juína, a oeste.

Os Kithaulu, "povo do marmelo", ocupam a área ao longo do rio Camararé, ao sopé da Serra do Norte. Parece que essa designação provém do apelido de um dos seus primeiros líderes, uma referência marota a uma particularidade de seu corpo.

No princípio deste século, estimou-se a população NAMBIKWARA entre 10 mil a 20 mil índios. Atualmente, aproxima-se a apenas 1.000, sendo que em torno de 350 são habitantes do cerrado. Os Wakalitesu foram os que mais sofreram, os primeiros na rota da linha telefônica. Atraídos pelos contos dos padres, vão morar perto do internato em terra mais a leste, hoje Área Indígena Tirecatinga, com 130.000 ha, criada pelo Decreto nº 89.260, de 28/12/1983. Com isso, ficando apartados do restante dos subgrupos que habitam mais a noroeste, a Área Indígena NAMBIKWARA, com aproximadamente 1.000.000 ha, criada pelo Decreto nº 63.386, de 08/10/1968, e mais tarde modificada pelo Decreto nº 73.22, de 22/12/1973.

Freqüentes alianças políticas são realizadas através de laços matrimoniais entre esses subgrupos, quando não se torna possível contrair casamento dentro da própria aldeia. Mesmo no passado, havia relações amistosas entre eles, inclusive com alguns subgrupos da Serra do Norte e Vale do Guaporé, apesar de pouco comum.

Nos casamentos entre subgrupos distintos, não há uma designação exata ou pré-estabelecida na adoção dos filhos dessas uniões. Assim, se nota, na maioria das vezes, o filho tomar a designação paterna, mesmo que não tenha nascido na região correspondente a ela. Outras vezes, o filho recebe a designação materna, caso a mãe seja de um subgrupo quantitativamente pouco representativo e sujeito a extinção. Percebe-se também que as designações são bastante flexíveis e podem ser perfeitamente substituídas quando interesses políticos estão em pauta.

A língua falada por esses subgrupos dispersos distintamente nas áreas culturais é alófila. As diferenças dialetais existentes reúnem falantes da língua NAMBIKWARA do Norte e Sabanê - os do Norte, língua NAMBIKWARA do Sul - os do Vale do Guaporé e os do Campo. A tonalidade, além de diferenciar palavras que se apresentam com os sinais de fonética articulatória idênticos, diferenciando o significado de cada uma, dá à uma melodia especial. O falar sem movimentar os lábios, levando uma longa conversa à diante, perfeitamente inteligível entre eles, o gênero designativo do feminino, presente nas terminações adjetivas e verbais na fala da mulher quando se dirige a seu companheiro como se estivesse a falar com pessoas do sexo feminino, mostrando sutilmente haver intimidade na relação dos dois, são algumas particularidades existentes na língua.

O clima de Savanas Tropicais ou clima Tropical Úmido é marcado por duas estações bem definidas: a seca - inverno/primavera e a chuvosa - outono/verão. Conseqüentemente, a economia dessa sociedade se baseia na bipolarização destas estações. Empregando técnicas de manejo, o sustento provém das roças, localizadas em terras mais férteis, sempre às margens dos rios, as florestas de galeria, bem como da caça e pesca. Coletores por essência, é no período que dura o estio - abril a setembro - que esta atividade sobressai às demais. O alimento básico é a mandioca. A mandioca da chicha, do beiju.

As épocas da chuva e a da seca - empregadas para a contagem do tempo; as fases lunares - a lua perdida, a lua pendurada, a lua redonda e a lua incompleta; a rota circular percorrida pelo sol; o dia repartido em manhã, metade, tarde e noite; um vasto tapete de flores, a perder de vista, recobrando o cerrado; as espécies frutíferas; o estrelar são valiosos e imprescindíveis marcadores de época que direcionam os NAMBIKWARA em deslocamentos temporários, afazeres domésticos e nas atividades destinadas à subsistência do grupo.

O pátio central das aldeias comporta o cemitério, as malocas-residências, a maloca da flauta sagrada e a maloca de reclusão da menina-moça, esta última, temporária, edificada apenas por ocasião do ritual de puberdade feminina. Dormem diretamente no chão e usam a cinza da fogueira para untarem seus corpos, esquentando-os e protegendo-os de doenças e insetos.

Inconfessáveis ambições reduziram seu território, quase extinguíram seu povo, como vagas constantes e intermináveis. O Papa divide o mundo, os NAMBIKWARA entre o Atlântico e o Pacífico repousam esquecidos em era sem fim. El Rei, pedras preciosas e ouro ordena buscar, escraviza povos e mentes, primeiros embates ao redor da Vila Bela da Santíssima Trindade, do Mato Grosso.

Inúmeros contatos foram registrados por estudiosos e viajantes no final do século XVIII. Há referências aos NAMBIKWARA, citando-os como Cabixi, habitando as cabeceiras e matas dos rios Guaporé, Galera, Sararé, Pioelho e Branco.

Negros evadidos das minas formaram quilombos na região. O mais famoso foi fundado pelo "Rei José Pioelho", tombado morto em assalto à alimentos e mulheres índias, ficando viúva a "Rainha Teresa". Depois de muitas bandeiras, o Governador João Cáceres, alforriou os escravos e mandou que retornassem ao antigo local para funderem a "Aldeia Carlota", em homenagem a Sereníssima Princesa. Com recomendação de renderem obediência à coroa, servirem de ponto de apoio até o

príncipe da Beira e trazerem boas mostras de ouro, embarcaram na correnteza do Guaporé e desaparecendo no tempo.

Ressurgem agora como testemunhas, pedras silenciosas escavadas na Serra do Borda, dez mil garimpeiros/aventureiros alforriados pelo novo Governador. Escravos das dragas da corte cuiabana. Garimpeiros do Yanomami, perseguidos pela inquisição social, política e econômica ditada pelo primeiro mundo. Seres enlouquecidos pelo amarelo-ouro da febre tersã, com a barriga cheia de cólera a devorar o meio-ambiente e as terras dos índios NAMBIKWARA do Sararé.

Andando na mata, encontraram o primeiro branco. Assustados o tomaram por espírito. Espiam, reparam, ele come e bebe, animal parecido. Será manso ou bravo? Interpelam, coitado! Apavorado, grita, se debate. Pensam estar possuído, amarram-no num pé de árvore. Cuidam com frutas e mel. Aquieta. Acham graça, riem e se divertem. Soltam o pobre diabo, que desesperado corre desabalado. Pensam ser mais um mistério, mágico pudera. Aparece outro e mais outro, cansam, percebem que estão sendo enganados.

Os catadores de poaia preta, raiz de um pequeno arbusto de folhas brilhantes, que floresce sob as sombrias árvores. Socadas e exportadas em bolsas do mais perfeito couro para a Inglaterra que os beneficia e lucra com os dois produtos. A ipeca acabou, mas sombrias invejas derrubam o mogno para móveis europeus se assemelharem ao da Rainha Inglesa. Trocam o verde das matas pelos verdes dos dólares.

No início do século XX, a Integração Nacional, socorrer Plácido de Castro era preciso. A Comissão Rondon, com a ajuda dos Paresi alcança o Juruena, nasce em 1907 o indigenismo com o "Morrer se preciso for, matar nunca", na ponta das flechas dos NAMBIKWARA que atravessam o caminho e a bandoleira do Cândido Mariano. Em respeito, resolve se retirar. Um ano mais tarde, a expedição chega a um riacho, batizado de 12 de Outubro, em homenagem ao descobrimento da América. A terceira expedição atinge o Madeira. Rompendo o elo, o telégrafo estabelece comunicação permanente com o Acre, ligando por terra a Bacia Amazônica ao Prata.

Pouco tempo depois, no "Registro do Veado Branco" o encarregado toca flauta e canta para os NAMBIKWARA, que no mato ali perto, admirados entoaram suas flautas sagradas em resposta a melodia da estranha parceria. Um intercâmbio amistoso foi estabelecido.

As estradas da borracha avançam rápidas. Seringalistas, barracões vão ocupando, expulsando e exterminando os índios nos mais arraigados rincões.

Com a Segunda Grande Guerra, outra batalha tão ou mais perversa é travada. Os NAMBIKWARA, refinados diplomatas, estabelecem alianças e acordos temporários em suas terras ocupadas. Os soldados da borracha, suas mulheres violentadas, o sal e o açúcar, morfina requintadas, vícios ignorados.

Brasília, a capital do futuro, Juscelino estende seu braço, as máquinas rompem o silêncio do cerrado. Cresce a 364, e com ela os NAMBIKWARA conhecem a guerra biológica, centenas de mortos. Aldeias inteiras desaparecem, fracos, doentes, não conseguem enterrar nem seus mortos. Um fogo estranho queima os seus corpos, a peste, o sarampo e a tuberculose. Os americanos codificam a língua, traduzem o Evangelho. Os pajés apertam seus fumos no Apocalipse.

Em 1972, os NAMBIKWARA do Vale são transferidos para o Cerrado, suas terras pelo próprio órgão tutor liberadas aos latifundiários, pecuaristas. Ludibriados, percebem terras pobres, hábitos e culturas diferentes, cavernas sagradas ficaram para trás. Por sua conta, retornam às suas terras, agora vilipendiadas e com arames farpaços, retalhadas e indesejados em sua própria casa. Os velhos não resistem a tanto sofrimento. Morrem quase todos. Nova tentativa, os removem desta vez para o sul do Vale, em terras do Sararé. Mulheres são roubadas, brigas, disputas, os grupos menores quase aniquilados, regressam para suas malocas cansados de serem escorraçados. Explode na imprensa, Maria Velha capa de poster internacional. "Yes", nós temos biafra.

No ano de 1975 surgiu o Projeto NAMBIKWARA. Plano assistencial que visava a melhoria de vida daqueles índios, abrangendo os subgrupos existentes nas três áreas culturais. Além do atendimento na área de saúde, minimizando a taxa de mortalidade e elevando o índice de população, implantação de escolas, o projeto, sob a coordenação do antropólogo Paul David Price, estabelecia a vigilância das terras indígenas contra a invasão de fazendeiros e atenuando os conflitos existentes entre eles, promoção de relações amistosas entre os subgrupos NAMBIKWARA, aquisição de ferramentas agrícolas, mudas e sementes, incentivo a novos cultivares alimentares e implantação de criação de gado, preparando-os e conscientizando-os gradativamente para a mudança social em curso com o contato com a sociedade envolvente.

O socorro chega, Fritz e os meninos paladinos, bom de briga.

No decorrer da década de 80, através do financiamento do Banco Mundial, veio o Polonoroeste, projeto assistencial visando atender as populações afetadas pela passagem da BR 364, promover a ocupação adicional e ordenada, o desenvolvimento equilibrado e a proteção ambiental de sua área de ação. Uma soma considerável de recursos financeiros foi injetada, por intermédio da Fundação Nacional do Índio, na contratação de pessoal, aquisição de equipamentos agrícolas e viaturas, edificação e reforma da infra-estrutura dos postos indígenas, criação de gado, abertura e melhoria de estradas vicinais ligando as aldeias, construção de pontes, na transferência dos índios amontoados nas redondezas dos postos indígenas às suas regiões tradicionais. A estrada trouxe, entre outros, doenças infecto-contagiosas, rarefação da caça, novas necessidades de consumo, alterando a tradição alimentar e afetando conseqüentemente a saúde dos NAMBIKWARA.

Mudaram o traçado original da estrada. Surge então a BR 174, rasgando o vale, dividindo malocas, pátios, atendendo poderosos interesses locais. Atônitos, acompanham os NAMBIKWARA do Omerê serem exterminados morrerem sem nada poderem fazer. Caso mal explicado, abafado, grito atravessado.

Novos hábitos, novos tempos, madeireiros, garimpeiros, sojicultores, miséria e desesperança foi o que restaram.

Com o término do Polonoroeste, os recursos minguaram e o órgão tutor não apresenta condições de dar continuidade aos projetos implantados. Para suprir as necessidades advindas do contato, alguns NAMBIKWARA crêem que o caminho é a exploração de recursos naturais, principal causa de debates e busca de entendimentos. Precisam das águas de suas cachoeiras para mover intrigantes aparelhos e poderes, dos contras e dos favores.

Entretanto, a influência da população regional, a importação de novas tecnologias e de produtos industrializados não afetaram a estrutura de sua sociedade, conservando sua identidade cultural. Esses novos valores incorporados no cotidiano da aldeia não servem como indicadores de perda de identidade. Ainda são "aqueles que dormem no chão".

Antropofágicos, devoram e assimilam o necessário, seu Universo mágico-cultural como Fênix ressurgue toda manhã da cinza, estampado no rosto de suas crianças, na sua alma espelhada no olhar do parceiro amigo. A chama, o óbvio não dão para ser esquecidos, apagar o que não é escrito, experimentado e intuído.

2. A FLAUTA SAGRADA

... em Camararé.

O sol começa apontar devagarinho, trazendo uma luminosidade carregada de segredos que serão desvendados pouco a pouco, no decorrer do dia. Os primeiros burburinhos, falas em tom baixo começam a ser sentidos. No chão, corpos unidos e ainda meio adormecidos, ucham-se ao redor do fogo. Paus ainda em brasa são atiçados com abano e sopros longos e lentos por alguém que se atreveu a enfrentar a brisa matinal. Agachado, colocando as mãos com as palmas abertas, próximas ao calor do fogo, agora já alto, esquentam-se a família. Corpos envoltos com uma mistura homogênea de areia fina e pó de cinza, como parte natural e integrante da composição da pele, dando uma coloração artificial, mas que os caracterizam. Pega o cigarro que está preso ao bracelete. Sobra da madrugada repleta de estrelas que piscaram incansavelmente. Com cuidado para não queimar a ponta dos dedos, leva-o à boca. Solta uma baforada de fumaça e, com olhar pensativo acompanha sua trajetória, que sobe e se confunde com a fumaça da fogueira. Ainda dentro da maloca, ouve a algazarra dos pássaros em pleno vôo, o canto tímido dos filhotes à espera do alimento, dos machos chamando as fêmeas.

Agora, todos acordados e incumbidos em atividades diversas, apropriadas à faixa etária e sexo: as mulheres pegam seus balaios e juntamente com as crianças seguem em andanças pelos campos, indo em busca de frutinhas ou insetos - gafanhotos, formigas e outros. O pai sai à caça, munido de arco-e-flecha. O filho avista-o de longe e corre a fim de alcançá-lo. Os dois juntos seguem em silêncio. Sol alto, calor abrasador, entram na mata e avistam pegadas de anta. Seguem-nas atentamente durante um trecho. De repente, a atenção do menino é desviada. Um som, jamais ouvido o intriga. Grita pelo pai que já vai longe, não dando importância aos apelos insistentes do menino. Entretanto, percebendo que o filho permanece atônito, procurando de um lado para o outro tentando desvendar tal mistério, o pai volta ao seu encontro. O menino continua a ouvir a música, mas seu pai não consegue escutá-la. Está preocupado em não perder a pista da anta e voltar à aldeia levando alimento à família. Em vão, pede ao filho que esqueça a tal música e o acompanhe na caçada. Contudo, não há nada que convença o menino. A melodia entrou em seu corpo, penetrando em sua alma. Encantado, explica para o pai, já zangado, que o som é proveniente de uma flauta. Começa a falar de lugar ideal para uma roça, de plantar mandioca, cará, urucum, milho, feijão e muitas outras plantas que jamais havia escutado. O pai começa a lembrar do filho ainda bem pequenino, com atitudes pouco comuns, diferenciando-o das outras crianças da aldeia. Sim, ele era uma criança diferente: de pouca fala, gostava de caminhar sozinho pelos campos e matas, demonstrando tamanha intimidade com a natureza e seus segredos. Às vezes, seus sonhos revelavam fatos muito importantes à comunidade. Voltou a atenção para o menino. Ainda tentou convencê-lo a mudar de idéia. Sua determinação naquilo que ouvia suplantava qualquer apelo, qualquer explicação. Falou ao pai que não o acompanharia à caça e nem mesmo voltaria para a aldeia. Pediu que pegasse pelos seus pés e o rodasse, bem devagar. O menino, com os braços e pernas esticados, formou um grande círculo no chão. Depois, o pai o carregou. Sentiu que não podia fazer mais nada, pois estava completamente envolvido naquela situação. Então colocou-o no

chão, no centro da roda. Falou ao pai que só retornasse aquele lugar um tempo depois, não revelando a qualquer pessoa onde estaria. E quando chegasse o momento oportuno não viesse acompanhado de mulheres. Somente seus irmãos, tios, primos, avós. ...e retornou sozinho à aldeia.

Ao entardecer, chegando à aldeia, ninguém podia imaginar o que aconteceu naquela tarde. Estavam todos à espera de carne, pois o pai era considerado o melhor caçador e sempre voltava para casa com o balaio pesado às costas. Mas, dessa vez, foi diferente: estava sozinho e com o balaio vazio. Por um instante, um grande silêncio marcou o momento. Apenas olhares interrogativos se encontravam. Em seguida, todos ao mesmo tempo, interrogavam-no a respeito do menino. E o pai, nem sabia realmente o que responder. Que explicação aceitável poderia dar-lhes? Era incapaz de acalmar aquela situação. Estava triste, muito triste. Pela primeira vez, a mente foi assolada por um medo profundo de nunca mais poder ver seu filho. Sua explicação não foi convincente, Ele não sabia, de verdade, o que dizer a todos. Sentiu-se culpado. Achava, então, que deveria ter sido mais determinado, trazendo-o a força para casa. Mas, tudo aconteceu tão rápido e de maneira muito natural, espontânea. À noite, podia escutar o choramingo de sua mulher. Um pranto suave que cortava seu coração.

E os dias iam se passando. A ausência do menino era sentida não por palavras, mas nos olhares de cada um. Ninguém comentava o acontecido, apenas acatavam silenciosamente a grande perda.

Uma lua se passou. Chegou a hora que todos desejavam. Dessa vez, o pai não foi à caça como de costume. Tinha algo muito importante a fazer. Lembrou-se da recomendação do filho em não levar mulheres ao local. Chamou seu pai, seus irmãos, seus primos. Foram muitos que o acompanharam. Durante o percurso, ouvia-se somente o compasso harmonioso. Andaram um longo trecho pelos campos e depois entraram pela mata que margeava o córrego de água cristalina. Saciaram a sede usando recipientes improvisados, em forma de cone, feitos de folhas grandes. Prosseguindo ainda um curto trecho, chegaram ao local onde o pai havia deixado o menino. O pai, quase não reconhecendo o lugar, não pode acreditar no que estava à sua frente: uma enorme clareira no meio da mata envolvia variadas espécies de plantas comestíveis e utilitárias jamais vistas. Todos estavam surpresos e foram tomados por um prazer inesperado. Depois de apreciarem tamanha beleza, penetraram no meio da plantação, cada um para um lado, atrás do menino. O pai lembrou-se de procurá-lo bem no centro do círculo e encontrou apenas uma flauta com um som bonito que só. Sentou-se no chão para pensar melhor em tudo o que estava acontecendo. Assimilou aquele momento com a última vez que esteve com seu filho. Era a tal flauta que ele havia mencionado e a música que o encantou era a mesma que estava ouvindo ali. O som da flauta que o menino tanto quis que seu pai escutasse. Depois, aos poucos, não estava mais só. Todos encontravam-se ali ao seu redor ouvindo aquele som misterioso, indicando fortemente a presença do menino. Contemplando cada uma daquelas plantas puderam desvendar o que realmente aconteceu. Seu filho não havia partido. Estava ali mesmo, em cada parte de uma planta: a cabeça do menino foi transformada em cabaça; seus cabelos, no cabelo da espiga de milho; as lônedeas agarradas nos fios de seus cabelos, em sementes de fumo; as sobrancelhas, em algodão; suas orelhas, em feijão fava, com sua vagem retorcida; seus olhos, na semente da abóbora; os dentes, em grãos de milho fofo. Suas mãos em folhas de mandioca. Suas costelas, em feijão vara e sua espinha no talo da mandioca. Seu sangue, em urucum; o fígado, em raiz de taioba; os testículos, em cará; os ossos

das pernas, em araruta; e suas unhas dos pés, em amendoim. A carne, em massa e sua urina em chicha de mandioca. .. a alma, na melodia mágica da flauta.

Anualmente, na época da derrubada, os NAMBIKWARA entoam suas flautas e dançam em homenagem ao menino que se transmutou em alimento para seu povo. Nesta ocasião, executam a derrubada em um, no máximo dois dias. Assim, NAMBIKWARA tem que semear todas as plantas dadas através da transformação sofrida pelo menino, caso contrário, torna-se fraco, fraco, até contrair doença e morrer. Conseqüentemente, a agricultura tradicional deve ser mantida e respeitada, assim como as práticas de cultivo - tão rudimentares, mas perfeitamente em concordância com o habitat natural. Vez por outra, durante o ritual, ouve-se gritos. Todos felizes com a fartura de alimento. As mulheres, dentro de suas casas, apenas ouvem o som da flauta. São terminantemente proibidas de avistarem os homens de tocarem seus instrumentos. Há grande risco de contraírem doença e até virem a falecer.

No cerrado, desenvolvem-se variadas espécies de plantas (gramíneas e leguminosas) e árvores isoladas ou agrupadas, de troncos retorcidos e recobertos por uma camada espessa de cascas. Tem-se a impressão de que isso ocorre em consequência do enorme esforço para brotarem do chão e então, conseguirem sobreviver à arenosidade, à seca e ao fogo. O solo do cerrado possui alta permeabilidade, porém de baixa fertilidade, pobres em sais minerais. A presença de matas ocorre apenas às margens de rios e córregos - são as matas de galerias ou ciliares.

Intimamente ligados a essa realidade, os NAMBIKWARA obtêm daí tudo aquilo de que necessitam para a sua sobrevivência: o abrigo contra as chuvas, vento e sol, o alimento, a tintura e ornamentação para o corpo, utensílios domésticos, instrumentos musicais, sem falar na infindável variedade de plantas medicinais. Guardam, através de um saber milenar, informações referentes à diversidade biológica de seu habitat tradicional, bem como das potencialidades que cada uma delas proporciona para a derivação de recursos naturais.

Da mesma forma, as práticas medicinais, de base herbácea, acham-se diretamente ligadas à vida sócio-cultural e, por isso, não podem ser tratadas isoladamente. Os conhecimentos são transmitidos de geração em geração, onde todos têm o domínio comum do saber, não havendo, portanto, apanágio exclusivo do pajé. É desde pequena que a criança inicia a aprendizagem: os segredos das matas e campos, suas imensas potencialidades, fontes de alimento e até mesmo os mistérios dos espíritos benignos e malignos que habitam suas terras. Tal aprendizagem não está, de forma alguma, desvinculada da vida cotidiana. Ao contrário, todo saber advém da precisão e momento oportunos e dentro de regras que regem a sociedade. Portanto, cada período de vida, o NAMBIKWARA terá o ensinamento que corresponda às suas necessidades e ansiedades. Gradativamente, de maneira informal, o saber indígena vai tomando dimensões profundas, registrando uma inter-relação entre o natural e o simbólico. É neste aspecto que se encontra a grande diferenciação entre o mundo do índio e o mundo do não-índio.

"O pai estava muito triste porque seu filho encontrava-se doente. Foi quando apareceu Ayaukatisu, um espírito da natureza. Chegou trazendo raiz, folha e flor. Este espírito só aparecia para o pai desta criança. Quando outras pessoas se aproximavam, o espírito da natureza desaparecia. Ayaukatisu falou para o homem que somente ele o enxergava. Disse também que era como o vento. Ensinou remédio para a cura de seu filho. Este homem ficou sendo Wanintesu, o curandeiro. Na segunda vez, outra criança encontrava-se doente e, do mesmo jeito Ayaukatisu apareceu, trazendo consigo outras raízes, folhas e flores e ensinou Wanintesu a preparar o remédio. No dia seguinte, a criança começou a melhorar. Na terceira vez, uma mulher estava doente. Novamente Ayaukatisu apareceu trazendo um pedaço de raiz e cipó. Ele olhou a mulher e tranqüilizou Wanintesu, dizendo que ela não iria morrer. Ensinou-o a preparar a raiz para beber e o cipó para banhar. Pela manhã, ela estava melhor. E assim,

Áyaukatisu ensinou remédios e explicou o nome das doenças ao Wanintesu e este passou os ensinamentos para seu povo. E toda vez que o Wanintesu entoava cantigas para a cura de alguém, o espírito da natureza aparece para ajudá-lo."

Cada doença tem um vegetal específico para tratá-la. Notadamente, em muitos casos, uma associação existe entre a forma do vegetal e a estrutura física dos órgãos humanos. Exemplificando: para o tratamento de picadas de cobras venenosas, o antídoto apropriado assemelha-se às suas escamas; também, fontes alimentares de determinados animais são apropriados para sanar problemas que por ventura ocorram em consequência da agressão.

"Era um dia marcado pela tristeza. A aldeia chorava a morte de uma menina. Ninguém sabia a causa. Mas, não era proveniente de picada de cobra venenosa. Alguma doença que contraiu. Uns homens foram no mato arrancar uma casca da árvore imburama-de-cheiro, a fim de enrolar o corpo da menina, para então, enterrá-la. A casca foi retirada e exposta ao sol para deixá-la bem seca. E somente depois disso, envolveram o corpo da menina. Pouco tempo depois, sentiram que a menina parecia que respirava serenamente. Aproximaram dela e constataram que ela estava viva, auscultando o coração. Todos ficaram muito felizes. A casca que estava servindo de invólucro foi repartida e cada um a guardou em uma cabaça contendo água. Depois de preparada a água, com tintura e odor característicos, foi usada para banharem-se. A partir deste dia, começaram a ter por costume periódico, tal prática, diminuindo a mortandade naquela região."

A maior parte das práticas de cura são exercidas pelo pajé, profundo conhecedor da medicina e magia, dotado de saber exclusivo, respeitado por todos na aldeia. Convive com entidades espirituais de seus ancestrais e uma variada multidão de espíritos da natureza, benfeitores e malfetores, homens e animais sobrenaturais. Faz-se oportuno lembrar da nítida diferença entre a prática de cura e simples manipulação de plantas, desvinculado da parte espiritual e com acesso socializado, enquanto que o pajé possui poderes específicos à vocação por transe ou por sonhos, unificando os domínios do diagnóstico e tratamento da doença ao sobrenatural, inacessível aos outros, compondo seu universo cosmológico.

A invocação de espíritos dá-se através de cânticos que começam a ser entoados ao entardecer e somente quando despontam os primeiros raios de sol, a cerimônia é encerrada. Contudo, não significando dizer que todos permanecem acordados durante este momento. As crianças adormecem primeiro, deitadas no chão, juntas à família e ao fogo. Seguidamente, os jovens fazem o mesmo. Somente os mais idosos permanecem acordados durante o ritual. Vez por outra, no meio da noite, o canto é reforçado por alguém que se levantou para urinar ou beber chicha, perdendo o sono momentaneamente. Não está vedada a participação de nenhum membro da comunidade, nem mesmo a obrigatoriedade de presença. Geralmente, toda a família do enfermo encontra-se presente. O comparecimento de parentes afins e amigos fortifica o ritual. O tempo de duração relaciona-se à gravidade da doença. Há ocasiões em que esses rituais de pajelança chegam a completar um mês. Dia após

dia, o enfermo recebe atenção e cuidados especiais, necessários à sua plena recuperação. As cerimônias de pajelança não atendem exclusivamente a um indivíduo. Ocorrem para um ou mais doentes.

O pajé, através de cânticos, é capaz de invocar entidades espirituais que permanecerão ao seu lado, auxiliando-o durante o ritual de cura. Assim, diagnosticada a doença, logo as providências necessárias à cura serão tomadas. Caso a enfermidade for em consequência de possessão de determinado espírito maligno, este terá que ser exorcizado e então, um duelo será travado entre o executante e o ser sobrenatural. Tarefa minuciosa, difícil e extremamente cansativa que exige demasiado esforço físico e mental. Muitas vezes, durante esse episódio, o pajé apresenta-se empunhando uma espada, de uso exclusivo para tal finalidade, a fim de facilitar seu desempenho no decorrer da luta. As práticas de cura adotadas podem variar ou serem associadas umas às outras. Utilizando os métodos de sucção e/ou de expelir baforadas de fumo com salivação violenta e sonora no local afetado, o pajé expulsará as forças sobrenaturais que por ventura estejam ali instaladas, influenciando ou prejudicando o bom andamento físico-espiritual do enfermo. Sucessivas aspirações são realizadas e extraídos objetos estranhos (emaranhados de cabelos envelhecidos e brancos, de linhas e outros) materializando, dessa maneira, o mal. Quaisquer que sejam as circunstâncias, o cântico ocupa grande significação dentro da pajelança. O conjunto de vozes exerce fundamental importância para irromper energias invocatórias às entidades espirituais que desempenharão influências na atuação do pajé.

Apesar das influências impostas pelo contato com a sociedade envolvente, introduzindo novos conhecimentos à vida tribal, os NAMBIKWARA continuam a praticar tradicionalmente rituais para a cura de seus males. Carregam ainda, em seu cotidiano, a essência de seu habitat envolto na religiosidade, conservando suas cosmogonias e mitologias praticamente intactas.

4. A ALDEIA

Vista de longe, do alto de pequenas elevações, a aldeia geralmente circular, destoa do restante da paisagem. Abre-se como clareira refletida da luz do sol que inside diretamente sob a areia branca do grande pátio central. As roças, matas e os caminhos estreitos e tortuosos que levam a direções variadas emolduram e definem o espaço indispensável a inúmeras atividades que compõem a vida NAMBIKWARA. O cerrado é o lugar apropriado à construção de uma aldeia que está relativamente distante do rio e da mata.

O pátio central, medindo em torno de 50m de diâmetro, representa uma área comunitária, compartilhada por todos, não existindo nada que impeça seu acesso. Espaço livre, destina-se à atividades diversas: cerimônias de pajelança, danças de guerra, festas rituais da Flauta Sagrada e de iniciação à puberdade feminina, partos, fabrico de armas, utensílios, implementos e adornos diversos, preparo de alimentos, além de ser um local muito apropriado às práticas lúdicas. É também neste espaço, no centro geométrico do círculo, onde são enterrados os mortos, tornando-se, por isso, um local sagrado. Aí, onde estão situadas as sepulturas subterrâneas, não pode, de modo algum, ser utilizado como travessia de um lado a outro do pátio. São imperceptíveis e o desvio se dá naturalmente, sem que haja qualquer impedimento físico aparente. A existência do cemitério dá à aldeia um caráter mais definidor da amplitude do território que a compõe.

É também no pátio central que homens e mulheres se reúnem para conversar e beber chicha, principalmente quando a aldeia recebe visitantes. O conversar, o beber chicha são hábitos diários praticados no pátio da aldeia, principalmente quando há festividades. Com o clima favorável, mais precisamente no tempo da seca, a frente da casa, sempre voltada para o pátio, é utilizada para dormir, tendo o céu estrelado como cobertura. Espontaneamente, inspirados pelo momento, várias estórias a respeito das constelações são contadas aos mais novos, no decorrer da noite, até que adormeçam.

"Duas crianças mataram seus pais adotivos quando souberam que eles haviam matado seus pais verdadeiros.

Depois desse acontecimento, estas crianças se transformaram em duas estrelas, que ficam bem próximas uma da outra.

O número de casas habitacionais está, logicamente, relacionado à quantidade de moradores que compõem uma aldeia. Em geral, há de 2 a 5 casas margeando o pátio central, todas com abertura para o centro do pátio e abrigando um grupo familiar. O número de habitantes é oscilante, principalmente quando acontecem casamentos exógamos e também na ocasião das grandes viagens no fim da época da seca.

Estes tipos de casas, dispostas na periferia do círculo, morfologicamente apresentam-se com planta baixa circular elíptica. De formatos semi-esférico ou elíptico, apresentam-se com dimensões distintas, que estão de conformidade com cada tipo específico.

As casas semi-esféricas são as mais comuns, porém menores que as elípticas. Com diâmetro aproximado de 3,5m e altura de 2,5m, assemelham-se muito às casas destinadas aos rituais da Flauta Sagrada e reclusão de menina-moça. Cobrindo o círculo invisível ou mesmo acompanhando o risco, da mesma forma, feito com os

pés, inúmeras varas, enterradas no chão, numa distância de 30cm de uma para outra, são curvadas, a fim de, ao mesmo tempo serem edificadas as paredes e a cobertura, por terem a propriedade de serem flexíveis. Para edificar a estrutura da casa, o enlaçamento das varas verticais, os caibros, e ripas horizontais se dá com o cipó imbé, sem nenhuma técnica de encaixe lateral. O revestimento, em folhas de palmeira de guariroba (a mesma empregada na confecção do abano para atizar o fogo), verticalmente sobrepostas somente pelo canhão do talo, é feita de baixo para cima e a fixação sob pressão torna-se suficiente para adquirir a firmeza necessária.

Depois de totalmente revestida, a porta adquire dimensões pequenas, tendo sempre que se agachar ao entrar na casa, que pode possuir duas portas. Porém, mais comum quando apresentam-se com apenas uma porta frontal: a principal, voltada para o centro do pátio e a outra para os fundos. A matéria-prima empregada no revestimento das casas é perfeitamente adequada às circunstâncias climáticas da região, proporcionando um excelente isolante térmico e hidráulico. Assim, a temperatura interior torna-se amena, ficando os moradores protegidos ao calor e frio excessivos. Além disso, é suficientemente bem estruturada para suportar temporais e chuvas fortes. A forma hemisférica é - teoricamente - ideal porque encerra o maior volume com a menor superfície, impedindo resfriamentos e aquecimentos fortes, como demonstra a geometria elementar.

Desprovidos de divisões internas e espaços sem funções específicas, as casas habitacionais têm apenas as fogueiras destinadas ao preparo de alimentos, aquecimento de pessoas e cachorros, iluminação e fabrico de diversas peças, além de afugentar insetos, para demarcar o espaço de cada grupo. As paredes, continuidade da cobertura, servem para depositar os poucos objetos pessoais, principalmente os que são impróprios à crianças, colocando-os fora de seu alcance. Pode-se encontrar um moquém armado num canto qualquer da casa. Tem a serventia de desidratar a carne de caça, cortada em pedaços, a fim de ser conservada por mais alguns dias. Quando não, é utilizada como suporte rudimentar para a guarda de panelas, massa de mandioca, implementos para pescaria e outros objetos.

As casas habitacionais também abrigam diversos animais domésticos, principalmente o cachorro. Inclusive, pode-se encontrar um número de cachorros superior ao de pessoas residindo em uma mesma casa.

A outra variante de casa habitacional tradicional, de planta baixa elíptica, é maior que a semi-esférica. Com idênticas características no que se refere às matérias-primas, técnicas de edificação e revestimento empregados, internamente o espaço mostra-se diferenciado. Possui uma cumeeira sob dois esteios, com as extremidades em forquilhas para um encaixe seguro, desprovido de amarração. Tem medidas aproximadas de 9m de comprimento, 6m de diâmetro de 3 a 3,5 de altura. Possui duas portas: uma voltada para o pátio, a principal, e a outra nos fundos, que dá acesso a locais distintos (defecação, lixo, pequenas plantações - abóbora, urucum, cabaça).

A durabilidade destas casas chega a 4 anos. Mas, pelo menos, duas vezes por ano são restauradas, principalmente o revestimento, mais vulnerável às intempéries climáticas. Inclusive, na época da seca, é comum utilizarem estas folhas de palmeira secas para dar início ao fogo.

A construção é tarefa masculina, mas nada impede que as mulheres participem da edificação das casas habitacionais. Principalmente na busca pelo campo da folha de palmeira, destinada ao revestimento.

Existem outros tipos de edificações: são muito comuns os abrigos ou casas menos elaboradas ou mesmo incompletas se comparadas às permanentes. Estas edificações anexas podem estar localizadas próximas às casas habitacionais, servindo à prática do trabalho artesanal e preparo de alimentos e outras atividades relacionadas ao dia-a-dia. São encontradas também próximas às roças, seringais, porto pesqueiro e locais mais apropriados à caçadas, ocupadas por um período relativamente curto. Podem ser encontrados no trajeto de uma aldeia, servindo de abrigo temporário para proteção ao calor ou chuva abundantes. O canhão do talo das folhas da palmeira da guariroba é fincado no chão, formando um semicírculo, quando unidos em suas extremidades e amparados por um único esteio central, à frente.

Ao contrário da morada fixa existente nas aldeias, a edificação destas habitações-provisórias se caracteriza pela rapidez com que são construídas. Logo que abandonadas, no momento em que a intenção de permanência naquele local não tem mais sentido, não significa que têm a obrigatoriedade de serem destruídas, principalmente se o estado de conservação é satisfatório. Outras famílias podem usufruir destes abrigos, mesmo que inexistam laços familiares que os unam. A exceção existe: em caso de falecimento, o abrigo edificado ou apenas utilizado pelo falecido é destruído e totalmente queimado. Varia o período da estada, pois encontra-se intimamente ligado ao objeto proposto. Muitas vezes relaciona-se unicamente às condições climáticas, tendo somente o intuito de abrigo durante uma caminhada mais prolongada. Em outros casos, os abrigos são erigidos próximos às roças, onde um grupo familiar encontra-se empenhado no trabalho agrícola. Da mesma forma, em determinadas épocas do ano, os habitantes de uma aldeia se deslocam para outras partes de seu território, com o propósito de realizarem atividades diversas: caça, extração do látex, pescarias, coleta de frutos e visitas a parentes. Não menos comum quando estes abrigos temporários alojam elementos familiares em conflito com outras facções, evitando, dessa forma, maiores confrontos.

Assim, cada situação determina o tempo de permanência numa habitação temporária.

A Casa das Flautas, destinada às cerimônias exclusivamente masculinas, intimamente relaciona-se ao ritual do menino que outrora foi atraído pelo som mágico e encantador de uma flauta e transformou-se em plantas comestíveis e utilitárias para seu povo. Caracteriza-se por ser uma edificação exclusivamente masculina. É terminantemente proibida a entrada ao sexo feminino. Quando, por ocasião das festividades da Flauta Sagrada e a cerimônia realiza-se ao ar livre, ficam as mulheres encerradas em suas casas, sem que possam sair, até que seja finalizada e os instrumentos cuidadosamente guardados. Não difere muito da casa-habitacional de planta baixa, semicircular. Com altura de 3m, diâmetro variando de 3 a 5m, é na porta que distingue-se uma diferença perceptível: possui 40cm de altura e 60cm de largura, necessitando-se agachar-se, quase arrastando-se para conseguir entrar em tal recinto. Folhas secas de palmeira de guariroba são utilizadas para vedar a única abertura, quase vedando-a, com a finalidade das mulheres não avistarem as flautas, ali depositadas. Quanto à localização, encontra-se ligeiramente deslocada do restante das outras construções: obedece a direção poente e a abertura está à frente do pátio

central. Interiormente, a única instalação, e assim mesmo, não obrigatória, é a presença de um suporte feito com dois paus fincados no chão, e transversal a eles, outro entre o vão das forquilha existentes nas suas extremidades. É destinada a guarda das flautas, que ficam apoiadas, em sentido vertical. Porém, comumente, estes instrumentos musicais acham-se fixados nas paredes, presos às ripas da estrutura da casa.

Outra casa ritual, destinada à reclusão da menina-moça, é edificada assim que se manifeste a primeira menstruação. Também fora da linha circular que margeia o pátio central, com localização um pouco mais central, não difere da casa habitacional. Contudo, a porta está voltada ao sol nascente. Nesta casa, a jovem passará o período de uma lua, sendo apenas permitida ausentar-se para participar das festividades, à partir do entardecer, quando dançará, de mãos dadas, entre Padrinhos, os escolhidos para acompanharem-na durante a comemoração. Nesta casa, a menina-moça receberá inúmeros ensinamentos imprescindíveis à sua vida futura.

Todas as atividades e comportamentos exclusivos ao sexo feminino serão minuciosamente transmitidos e esclarecidos durante este período pela mãe, avós, tias e cunhadas. Encerrada a reclusão, a menina encontrar-se-á apta ao casamento, A alimentação, higiene pessoal, defecação e micção (devidamente enterradas) são feitas no interior da casa. Um forte cheiro de urucum predomina neste espaço, oriundo da pintura corporal e facial da menina-moça, totalmente cobertos. O acesso a esta edificação é totalmente livre ao sexo feminino. Ao sexo masculino é terminantemente proibida a entrada. Os rapazes não podem ficar espiando a menina por entre as brechas da cobertura de palha, pois prejudicará o seu crescimento. Ao final da cerimônia, a casa é destruída.

A partir dos primórdios do contato com a civilização envolvente, gradualmente, as casas habitacionais vêm sofrendo profundas transformações. A penetração da Comissão Rondon, as presenças de seringueiros, missões religiosas e órgão assistencial governamental em seus territórios, as cidades e vilarejos adjacentes foram responsáveis pelos inúmeros elementos de influência para tais alterações. Desde a matéria-prima empregada até a morfologia destas construções e aldeias, em alguns casos, diferem das habitações tradicionais.

O tipo atual mais comum de construção tem planta baixa retangular, de duas águas. Com 3m de comprimento e 3m de largura são construídas com madeira beneficiada e revestidas com telhas de alumínio ou amianto. Possui uma ou duas portas, com janelas e até divisões internas. À frente, sempre para o pátio central, contém uma área somente com cobertura, sem que haja paredes. Este espaço é reservado ao preparo de alimentos, confecção de objetos diversos, práticas de pajelança e até mesmo para dormir, em dias de lua cheia e/ou noites quentes.

Em verdade, as mudanças nestas edificações abalaram muito os costumes dos NAMBIKWARA, influenciando fortemente na formação sócio-cultural desses subgrupos. A casa imitando a construção neo-brasileira proporciona maior posição a quem possui. Por ocasião de falecimento, não mais destroem e queimam a habitação do morto como outrora faziam. Quando muito, transferem-na de lugar, modificando as divisões internas. Este novo hábito se dá em decorrência do custo da matéria-prima. Ao contrário da tradicional, onde o material empregado encontra-se, até hoje, em grande abundância nos cerrados.

Pode uma família possuir duas casas numa mesma aldeia, uma ao lado da outra: a tradicional (em dimensões menores) e a pseudo-tradicional. Isso ocorre em virtude desta casa não oferecer a ventilação adequada, tornando-se internamente muito quente em decorrência da matéria-prima empregada. A telha de amianto armazena calor em demasia tornando o ambiente, no período da seca, insuportável durante o dia. Além disso, a fumaça das fogueiras permanece no recinto, não havendo saída adequada.

Também é notada a presença de casas mistas: madeira com revestimento de folhas secas da palmeira da guariroba e madeira revestida de telhas de zinco ou amianto com fachada frontal de ripas verticais com telhas de zinco ou amianto.

Quanto ao mobiliário, este recebeu também influências externas. Nas paredes são feitas estantes destinadas à guarda de diversos objetos, inclusive remédios industrializados. Bem próximos ao chão, tablados de madeira justapostos servem de cama, não perdendo, contudo o hábito de dormirem no chão, ao redor de fogueiras.

O pátio central, caracterizado por ter uma vida pública e exercer influência direta no cotidiano, perdeu parte do sentido a partir do surgimento de aldeias lineares. Assim, cada casa passa a possuir um espaço próprio, à sua frente, individualizando e privatizando um pouco os hábitos.

Quanto às casas rituais, não sofreram modificações consideráveis. A casa de reclusão feminina permanece com todas as características que a definem. Apenas quando o revestimento começa a deteriorar, principalmente no tempo da chuva, uma lona plástica pode ser adicionada à cobertura, colocada sob as palhas esparsas, vedando por completo as partes afetadas. A Casa das Flautas Sagradas, quando existente no pátio central da aldeia, não apresenta quaisquer modificações. No entanto, é comum a substituição desta edificação por construções pertencentes ao aparato que comporta a infra-estrutura de um Posto Indígena. Portanto, escolas, garagens e galpões podem substituir a casa tradicional quando desativados de suas funções e atividades.

Da mesma forma, a tralha doméstica, no decorrer dos anos, vem sofrendo profundas transformações e substituições e, em conseqüência, essa aquisição acarreta uma forte dependência econômico-cultural. Como adquirir recursos financeiros próprios para possuir painéis de alumínio, cobertores, facões e outros objetos que começam a ser introduzidos, tornando-os até mesmo insubstituíveis? Por ocasião dos primeiros contatos, muitos destes objetos foram doados, a fim de amenizar ou evitar os conflitos, tornando-os mais amistosos. As missões religiosas e principalmente o órgão assistencial governamental forneceram durante muitos anos diversos objetos, assumindo uma política indigenista paternalista, de molde colonialista. Hoje, em virtude dos poucos recursos financeiros destinados aos Postos Indígenas, onde a máquina burocrática do órgão tutelar retém a maior parte deles, é mínima a parcela destinada à implantação de projetos assistenciais que tornem as comunidades indígenas auto-suficientes, sem que seus hábitos sejam brutalmente transformados e/ou aniquilados. Atualmente, é através da venda de artesanato, extração de látex e proventos advindos do FUNRURAL que fornecem recursos para a aquisição de bens industrializados.

BIBLIOGRAFIA

ASPELIN, Paul L. *The ethnography of Nambikwara agriculture. Bijdragen tot de Taal-, Land - en Volkenkunde. S'Gravenhage, 1979. V. 135, p. 18-58.*

AYTAI, Desidério. *As flautas rituais dos Nambikwara. Revista de Antropologia, 15/16: 69-75, 1967/68.*

BOGLÁR, Lajos. *Contributions to the sociology of Nambikwara indians. Acta Ethnographica Academiæ Scientiarum Hungaricæ, 18, (1-3): 237-246, 1969.*

PEREIRA, Adalberto Holanda. *Os espíritos maus dos Nambikwara. Pesquisas, Antropologia, 25: 1-33, 1973.*

_____. *Lendas dos índios Nambikwara. Pesquisas: Antropologia, 26: 15-52, 1974.*

RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Ethnographia. Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo nº5. História Natural. Rio de Janeiro, 1910. 57 p.*

ROQUETTE-Pinto, Edgar. *Rondônia. 6. ed. São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 1975. 285p.*

SOUZA, Antônio Pyrreus de. *Notas sobre os costumes dos índios Nam.bik.wa.ras. Revista do Museu Paulista, 12:391-410, 1910.*